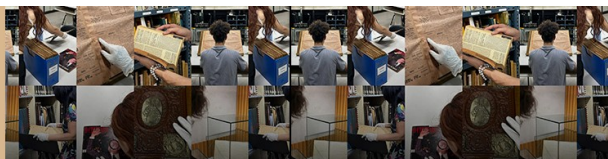


## 12º Encontro de Pesquisa em História



### A PARTICIPAÇÃO BRASILEIRA NA BATALHA DO ATLÂNTICO NA SEGUNDA GUERRA MUNDIAL: A PERSPECTIVA DO CINEMA NACIONAL BRASILEIRO

Mateus Donisete Pires de Figueiredo<sup>1</sup>

#### RESUMO

Neste artigo, busca-se analisar o papel do Brasil na Batalha do Atlântico durante a Segunda Guerra Mundial, especificamente entre 1939 e 1945. Esse conflito é considerado um dos maiores confrontos marítimos da história, envolvendo grandes potências militares na luta pelo controle das rotas oceânicas no Atlântico, essenciais para o envio de suprimentos de guerra. A Batalha do Atlântico é amplamente reconhecida por ter influenciado significativamente o curso da guerra, ao afetar diretamente a capacidade logística dos envolvidos. No cinema brasileiro, a Batalha do Atlântico não recebeu grande destaque. No entanto, o cineasta Erik de Castro dedicou-se a destacar esse episódio em seu filme documentado *O Brasil na batalha do Atlântico* (2012), que analisa a participação do Brasil na batalha por meio de relatos de veteranos brasileiros de guerra, imagens de época, entre outras fontes. Nesta pesquisa, será examinada a forma como a produção brasileira de Erik de Castro abordou a participação do Brasil na Batalha do Atlântico e a visibilidade concedida a esse episódio histórico. A metodologia adotada envolve a análise fílmica, complementada pelo uso de obras historiográficas que discutem o tema, destacando o papel do cinema nacional na preservação da memória desse período de sacrifícios, sofrimento e heroísmo por parte dos marinheiros brasileiros.

**Palavras-chave:** Brasil, Batalha do Atlântico, Segunda Guerra Mundial, Cinema brasileiro.

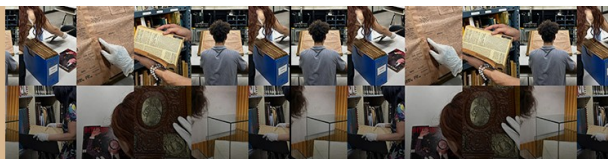
#### ABSTRACT

In this article, I seek to analyze Brazil's role in the Battle of the Atlantic during the Second World War, specifically between 1939 and 1945. This conflict is considered one of the largest maritime confrontations in history, involving major military powers in the fight for control of oceanic routes in the Atlantic., essential for sending war supplies. The Battle of the Atlantic is widely recognized as having significantly influenced the course of the war, by directly affecting the logistical capacity of those involved. In Brazilian cinema, the Battle of the Atlantic did not receive much attention. However, filmmaker Erik de Castro dedicated himself to highlighting this episode in his film documenting *Brazil in the Battle of the Atlantic* (2012), which analyzes Brazil's participation in the battle through reports from Brazilian war veterans, period images, among others. sources. In this research, the way in which Erik de Castro's Brazilian production addressed Brazil's participation in the Battle of the Atlantic and the visibility granted to this historical episode will be examined. The methodology adopted involves film analysis, complemented by the use of historiographical works

---

<sup>1</sup> Graduando do 4º ano de História/UNISAGRADO. Artigo realizado para as disciplinas de Metodologia de Pesquisa em História e História Contemporânea, sob orientação dos professores Lourdes C. Feitosa e Roger Gomes.

## 12º Encontro de Pesquisa em História



that discuss the topic, highlighting the role of national cinema in preserving the memory of this period of sacrifices, suffering and heroism on the part of Brazilian sailors.

**Keywords:** Brazil, Battle of the Atlantic, Second World War, Brazilian cinema.

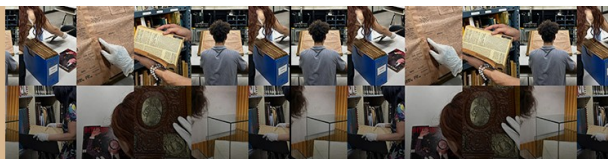
### INTRODUÇÃO

A Batalha do Atlântico, ocorrida entre 1939 e 1945, foi um dos confrontos marítimos mais importantes da Segunda Guerra Mundial, caracterizado pela luta incessante pelo controle das rotas oceânicas estratégicas. Este confronto envolveu grandes potências militares e desempenhou um papel crucial na determinação do curso da guerra. Segundo Francisco Ferraz (2010, p. 45), a Batalha do Atlântico foi “um dos maiores desafios logísticos e militares enfrentados pelos Aliados durante o conflito, sendo essencial para a vitória final”. O Brasil, embora muitas vezes subestimado em relatos históricos, desempenhou um papel significativo ao patrulhar vastas áreas do Atlântico e proteger comboios de suprimentos essenciais para os Aliados. No entanto, essa contribuição foi, por vezes, negligenciada, especialmente nas produções cinematográficas, que deram maior visibilidade a esse conflito em contextos europeus e norte-americanos.

O cinema brasileiro, por outro lado, não abordou a Batalha do Atlântico com a mesma intensidade de outras cinematografias. As produções *Senta a Pua!* (1999) e *A Cobra Fumou* (2002), ambas dirigidas por Erik de Castro, enfatizam a relevância dessa batalha, mas focam, sobretudo, em outras áreas de atuação brasileira durante a Segunda Guerra Mundial. Sendo assim, *O Brasil na Batalha do Atlântico* (2012) é inestimável, preenchendo um vazio relevante no cinema nacional. A falta de produções relacionadas a esse tópico evidencia a importância de investimentos e incentivos para a produção de conteúdo que cerca esse período crucial da história brasileira.

Este artigo busca refletir e valorizar a importância da Marinha brasileira nesse período, destacando a participação do Brasil por meio da lente do cinema nacional. Ao explorar as representações, Gonçalves (2009, p. 17) argumenta que “o cinema não é apenas uma forma de entretenimento, mas também um organizador de discursos que constrói a identidade de uma nação”. Dessa forma, os filmes que retratam a Batalha do Atlântico assumem um papel crucial na formação da consciência histórica e na valorização das contribuições do Brasil durante a Segunda Guerra Mundial.

## 12º Encontro de Pesquisa em História



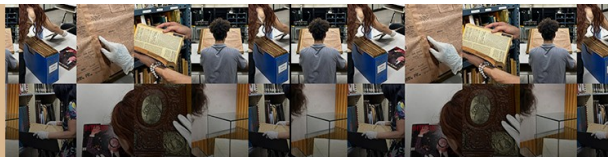
Embora o cinema seja, em essência, uma forma de arte voltada ao entretenimento, também pode desempenhar a função de documentar e interpretar aspectos históricos. Nesse sentido, ao analisar uma produção audiovisual, é essencial a pesquisa seja rigorosamente fundamentada para garantir a precisão de análise dos eventos retratados. As poucas produções nacionais voltadas ao gênero militar têm o poder de não apenas retomar acontecimentos históricos, mas também de fomentar um senso de pertencimento e identidade nacional, contribuindo para a educação e a preservação da memória coletiva. Para alcançar os objetivos propostos, esta pesquisa adota uma metodologia qualitativa, com ênfase na análise fílmica. O recorte de análise concentra-se na obra *O Brasil na Batalha do Atlântico* (2012), dirigido por Erik de Castro, que aborda a participação da Marinha brasileira na Batalha do Atlântico. O estudo busca identificar as estratégias narrativas e visuais empregadas para representar os acontecimentos históricos, além de investigar como essas representações dialogam com o público contemporâneo e histórico para a construção da memória nacional.

### O BRASIL E A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

Ao examinar os acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, é fundamental destacar a participação do Brasil nesse período, que marcou profundamente a história global. A entrada do Brasil no conflito e sua atuação na Batalha do Atlântico não recebem o devido reconhecimento. Antes de se envolver na guerra, o país atravessava um período de turbulência e transformações políticas, marcado pelo regime autoritário do Estado Novo, decretado pelo presidente Getúlio Vargas em 1937. Esse contexto político instável influenciou diretamente as decisões do Brasil em relação ao conflito.

Inicialmente, o Brasil buscou manter uma posição de neutralidade, como evidenciado pelo decreto nº 4.623, de 5 de setembro de 1939, que estabelecia a observação de completa neutralidade durante a guerra. Essa estratégia de neutralidade refletia a política externa de Vargas, que, segundo o professor Roberto Gambini, um renomado historiador brasileiro, exerceu uma notável capacidade de imparcialidade entre 1936 e 1941. Em sua obra *O Duplo Jogo de Getúlio Vargas*, Gambini

## 12º Encontro de Pesquisa em História

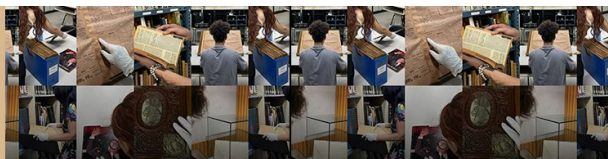


(1977) argumenta que Vargas utilizou a disputa comercial entre Alemanha e Estados Unidos para barganhar vantagens que visavam à industrialização do Brasil e ao fortalecimento das forças armadas, que se encontravam defasadas. Assim, Vargas empreendeu um “duplo jogo” entre as superpotências, garantindo benefícios para o país enquanto tentava evitar a aliança com os países do Eixo.

Um bom exemplo disso, conforme retratado por Gambini, é a negociação da compra de armamentos com as superpotências. Esta aquisição era um ponto central na estratégia de Vargas e visava equipar as forças armadas, um objetivo prioritário dos chefes militares do Brasil, notadamente os Generais Eurico Gaspar Dutra e Aureliano de Góes Monteiro. Em uma carta do subsecretário de Estado norte-americano, Summer Welles, ao então secretário de Estado Cordell Hull, o diplomata expressa a preocupação dos Estados Unidos com uma possível aproximação do Brasil com as potências do Eixo:

Como todos os exércitos, o Alto Comando brasileiro não está muito entusiasmado com a ideia de entrar na guerra desprovido dos elementos básicos de defesa. Se os militares brasileiros não receberem prontamente as garantias necessárias e se não puderem ver com seus próprios olhos alguma evidência concreta de que o auxílio virá, ter-se-á criado exatamente o tipo de situação mais favorável aos nazistas (Welles, *apud* Gambini, 1977, p. 139-140).

Assim sendo, Gambini sistematiza esta hipótese, amplamente representada em nossa historiografia, que é a do movimento de barganha por parte do governo Vargas na busca pela industrialização e no equipamento das forças armadas em tempos de grande crise. O rompimento com o Eixo, referindo-se à aliança militar entre Alemanha, Itália e Japão, por parte do Brasil, representou uma declaração de guerra contra esses países, especialmente contra a Alemanha. Essa decisão não apenas marcou uma mudança significativa na posição do Brasil no cenário internacional durante a Segunda Guerra Mundial, mas também refletiu uma necessidade estratégica mais ampla. A escolha de romper com o Eixo e declarar guerra a essas potências foi motivada não apenas pela crescente agressão aos navios mercantes brasileiros por submarinos alemães e italianos, mas também pela necessidade de consolidar a posição do Brasil como um aliado estratégico dos Estados Unidos.



### O BRASIL NA BATALHA DO ATLÂNTICO

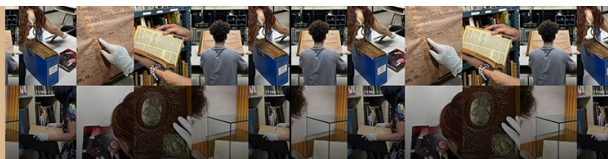
Durante a Segunda Guerra Mundial, milhares de brasileiros foram envolvidos em um conflito que parecia distante da sua realidade, mas que, de repente, bateu à porta. A Batalha do Atlântico trouxe à tona histórias de coragem, sacrifícios e resistência. Ao analisar a estrutura física da Marinha Brasileira na época dos desdobramentos da Segunda Guerra Mundial, observa-se que a instituição não possuía os recursos necessários, tampouco o contingente adequado, para participar desse conflito de forma autônoma. A Marinha do Brasil estava em uma situação precária. De acordo com Cabral:

A Marinha do Brasil (MB) neste período era, em grande parte, constituída de navios construídos entre 1906 e 1917 e por alguns meios construídos ao longo da década de 1930. As principais unidades da Esquadra eram: dois encouraçados, dois cruzadores ligeiros, seis contratorpedeiros, um navio escolta, quatro submarinos, uma corveta, dez navios mineiros-varredores e outras unidades de apoio, patrulha fluvial, avisos, navios-tanques, etc. (Cabral, 2020, p. 11).

Entretanto, o Brasil não estava envolvido diretamente no conflito, mas já enfrentava, desde o início de 1941, ataques a várias embarcações brasileiras por submarinos e navios da marinha alemã e italiana. Um dos principais motivos da entrada do Brasil na guerra foi a indignação nacional e a pressão popular em decorrência dos ataques sofridos contra os navios brasileiros, o que cada vez mais levava o país a buscar alianças com os Aliados (Sander, 2011). A série de ataques do submarino alemão U-507, em agosto de 1942, resultou em aproximadamente 600 óbitos brasileiros, sendo o principal momento de conflito próximo ao solo nacional durante aquele período. Como representado por McCann JR em relação ao ataque ao navio *Paquete Baependi*, que transportava carga e passageiros:

O Baependi levou para o fundo do mar 250 homens e sete oficiais do Sétimo Grupo e Artilharia, junto com duas baterias de canhões e outros equipamentos. Um outro navio transportava fiéis a um Congresso Eucarístico em São Paulo. O Brasil se contorcia em repulsa. Em todo o país, o povo se fez às ruas buscando vingança em qualquer coisa ou pessoa de origem ou simpatia alemã. Em Salvador, turbas apedrejavam instalações alemãs

## 12º Encontro de Pesquisa em História



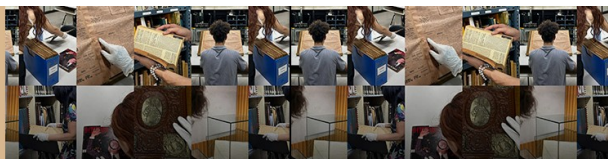
e italianas. Multidões em Recife atacaram trinta firmas pró-Eixo e, sem serem obstados pela polícia, arrancaram letreiro de metal para a campanha de sucata da Marinha brasileira. Em Porto Alegre, o cônsul norte-americano informou que em toda parte os brasileiros estavam depredando lojas. A polícia foi importante para controlar multidões em Fortaleza, quando saqueavam e incendiavam lojas de propriedade do Eixo. Vitória, Manaus, Belém, Belo Horizonte – por toda parte no Brasil, a reação foi a mesma. Finalmente, os estudantes deram voz ao pensamento de todos: em São Paulo e no Rio de Janeiro exigiram a guerra (Mccann JR, 1995, p. 230).

Em 22 de agosto de 1942, após ter seus navios atacados pelas forças do Eixo, o Brasil entrou definitivamente na guerra, comprometendo-se plenamente com os Aliados e apoiando os Estados Unidos (Moura, 2012). Esse evento marcou o início da participação ativa do Brasil na Batalha do Atlântico. A principal função designada à Marinha Brasileira foi a escolta e proteção de comboios aliados que poderiam ser alvos dos temidos submarinos *U-Boats*, símbolos da supremacia alemã no Atlântico Norte e Sul. Apesar de um papel mais coadjuvante nessa batalha, a Marinha Brasileira esforçou-se para proteger o Atlântico Sul e o litoral brasileiro. Contudo, é importante destacar que, apesar dos grandes esforços e do empenho dos marinheiros, a Marinha Brasileira não possuía uma estrutura suficientemente sólida. Em diversas ocasiões, suas unidades sucumbiram ao poder de guerra das "grandes máquinas" alemãs:

Enquanto na costa dos Estados Unidos acontecem apenas 6% dos afundamentos de navios aliados, na do Brasil essa porcentagem chega a 59%, a maior de toda a América. Assim sendo, fica evidente que ter sido um palco de operações secundário não livrou o Atlântico Sul de ser alvo da intensa campanha submarina do Eixo. Além de atraírem os seus U-boots em razão da facilidade no abate de navios, os ataques na região tinham como objetivo provocar o desvio de recursos dos Estados Unidos para proteger o comércio naval que beneficiava seu esforço de guerra (Sander, 2011, p. 65).

As máquinas de guerra alemãs, com sua capacidade tecnológica avançada, trouxeram-se uma ameaça formidável durante a Segunda Guerra Mundial. Os submarinos da classe *U-boats*, em particular, destacaram-se como instrumentos de grande poder ofensivo, desempenhando um papel central na Batalha do Atlântico. Esses submarinos não apenas ameaçavam a navegação comercial, como também representavam um obstáculo crucial à manutenção das linhas de abastecimento dos Aliados, especialmente para a Grã-Bretanha, cuja sobrevivência dependia do controle marítimo. Como retratado em uma passagem pelo próprio Churchill (2017, p. 467), para ele o bloqueio

## 12º Encontro de Pesquisa em História



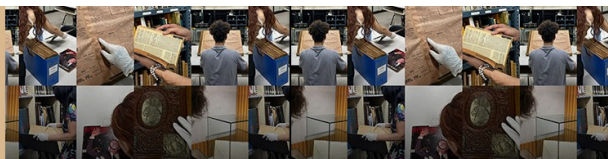
submarino alemão causou profunda preocupação entre as lideranças aliadas, gerando um clima de apreensão. E, derrotar essa ameaça era vital, pois, enquanto a Batalha da França havia sido perdida e a Batalha da Inglaterra vencida, o destino da guerra dependia da luta no Atlântico.

Essa reflexão de Churchill destaca como a ameaça submarina alemã impunha um estado de alerta constante e influenciava diretamente as estratégias de guerra dos Aliados. A importância da Batalha do Atlântico transcendeu o aspecto militar, afetando tanto a moral quanto o planejamento logístico das forças aliadas. Enquanto os submarinos alemães buscavam isolar a Grã-Bretanha, a sobrevivência do país e o esforço aliado dependiam de soluções inovadoras, como o desenvolvimento de tecnologias de detecção e contra-ataque. Além do impacto estratégico, o perigo representado pelos *U-boats* gerou uma preocupação emocional significativa, conforme descrito pelo próprio Churchill. Ele reconheceu o enorme risco que a batalha no Atlântico representava para os Aliados, afirmando que, durante toda a guerra, a única ameaça que realmente o assustou foi a dos submarinos.

Durante a guerra, a única coisa que sempre me assustou realmente foi o perigo dos submarinos. A invasão, achava eu antes mesmo da batalha aérea, fracassaria. Depois da vitória aérea, seria uma briga boa para nós. Era o tipo de combate que, nas condições cruéis da guerra, poderia ser travado com satisfação. Mas, nesse momento, nossa linha vital, inclusive através dos vastos oceanos, mas especialmente nos acessos à Ilha, estava em perigo. Essa batalha angustiou-me ainda mais do que o glorioso combate aéreo denominado de Batalha da Inglaterra (Churchill, 2017, p. 477).

De acordo com Gama e Martins (1985), a participação da Marinha Brasileira nesse importante conflito foi crucial na defesa do Atlântico Sul. Sob a liderança do Almirante Jonas H. Ingram, que recebeu total autoridade de Getúlio Vargas sobre a Marinha e a Força Aérea Brasileira, a Marinha do Brasil desempenhou um papel significativo (McCann Jr., 1995). Essa colaboração entre os governos brasileiro e norte-americano resultou em avanços rápidos na defesa hemisférica. A Marinha Brasileira protegeu comboios aliados e afundou submarinos do Eixo, enquanto a Força Aérea Brasileira (FAB) atacava submarinos inimigos. No meio do Atlântico Sul, marinheiros brasileiros enfrentaram ataques mortais, arriscando suas vidas para proteger rotas marítimas vitais. Essas experiências tiveram um impacto duradouro na história do Brasil, sendo imortalizadas no cinema ao longo do tempo.

## 12º Encontro de Pesquisa em História



Além disso, o Brasil forneceu bases aéreas e navais para os Estados Unidos e os Aliados, facilitando operações no Atlântico Sul e Central. Os Estados Unidos ajudaram na construção de bases no nordeste do Brasil, como Natal e Recife, que foram essenciais para o deslocamento de recursos militares. Segundo Moura (2012, p. 98), o próprio presidente Roosevelt escreveu para Vargas elogiando Souza Costa e os oficiais e soldados brasileiros, afirmando que suas “grandes qualidades haviam induzido o Governo dos Estados Unidos a assumir os compromissos dos acordos” e a fornecer material bélico ao Brasil:

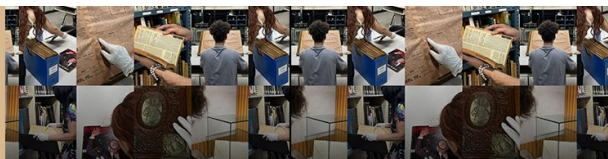
Por sua vez, o governo brasileiro rapidamente sancionou os pedidos estadunidenses por mais instalações e pessoal no Nordeste. As forças armadas dos Estados Unidos receberam permissão para construir alojamentos e quartéis, voar sem a aprovação de praxe em corredores aéreos prescritos, construir instalações subterrâneas para estocagem de grandes volumes e aumentar a pista de pouso em Fernando de Noronha (Moura, 2012, p. 98).

Essas bases não apenas representaram um avanço nas relações entre os governos americano e brasileiro, mas também se tornaram alvos de alto valor para os inimigos. Churchill observa que “Em agosto, os submarinos voltaram sua atenção para a área próxima de Trinidad e do litoral norte do Brasil, onde os alvos mais atraentes eram os navios que levavam bauxita para os Estados Unidos, para a indústria aeronáutica, e o fluxo de navios que partiam com suprimentos para o Oriente Médio” (Churchill, 2017, p. 652).

Um aspecto notável foi o desenvolvimento do programa *Lend-Lease*, que reequipou as Forças Armadas brasileiras, aumentando a modernização e o contingente da Marinha em 20%, além de proporcionar novos conhecimentos doutrinários. O Brasil saiu do conflito com uma economia fortalecida, aumento de reservas e exportações, dívida externa equacionada, uma indústria dinamizada e uma siderurgia em vias de implementação (Ricupero, 2017). O prestígio internacional do Brasil também atingiu níveis elevados, comparáveis apenas à era de Rio Branco (Sander, 2011).

O envolvimento do Brasil na Batalha do Atlântico não apenas demonstrou a resiliência e a bravura dos marinheiros brasileiros, mas também marcou uma fase decisiva nas relações diplomáticas entre o Brasil e os Estados Unidos. A colaboração entre as forças armadas de ambos os países, simbolizada pela construção de bases e pela troca de informações estratégicas, contribuiu

## 12º Encontro de Pesquisa em História



significativamente para a segurança do Atlântico Sul e, conseqüentemente, para o esforço de guerra aliado. Às experiências adquiridas durante o conflito proporcionaram ao Brasil um reconhecimento internacional que se traduziu em prestígio e em melhorias significativas em sua capacidade militar. O programa *Lend-Lease* e as vitórias na proteção das rotas marítimas não só reequiparam as Forças Armadas, mas também impulsionaram a economia brasileira, colocando o país em uma posição mais forte no cenário global.

### A REPRESENTAÇÃO DA BATALHA DO ATLÂNTICO NO CINEMA NACIONAL

O cinema nacional brasileiro tem uma longa trajetória repleta de produções que abordam diversos aspectos da cultura e da sociedade brasileira. No entanto, quando se trata de filmes sobre as batalhas do Atlântico durante a Segunda Guerra Mundial, a representação no cinema brasileiro é relativamente escassa. O cinema pode ser uma boa ferramenta para a representação histórica, porém utilizado de maneira correta e direcionada, poderá ser abordada para âmbito na valorização e preservação da história. É um meio poderoso de narrar a história, capaz de educar e influenciar pessoas a percepção seletiva de um público em relação a eventos passados. Filmes de guerra, sobretudo, têm a capacidade de transmitir a realidade crucial de conflitos e homenagear aqueles que participaram das batalhas preservando suas memórias. Como, na observação do cinema enquanto “agente de história”, de acordo com o historiador José D’Assunção Barros (2011), essa visão se empreende no sentido de que os filmes interferem na visão direta ou indiretamente, como também são influenciados a todo o tempo pela história, o que determina aspectos positivos na formação cultural. Desse modo, podemos concluir que os filmes são considerados agentes transformadores de uma cultura produtiva no papel da história.

Os filmes históricos nos oferecem a oportunidade de visitar um passado distante, mas também nos permite conhecer a sociedade em que a obra foi concebida. Um filme sobre a Segunda Guerra Mundial possivelmente carrega consigo as tensões do tempo em que foi produzido. E no século XXI os filmes que abordam o conflito seguem contando histórias com palavras, imagens e em alguns casos, feitos militares (Maynard, 2020, p. 625).

## 12º Encontro de Pesquisa em História



Nos cinemas internacionais, especialmente nos Estados Unidos, os filmes de gênero militar são retratados não apenas como entretenimento, mas também como uma forma de preservar a memória coletiva e reforçar a identidade nacional. Um exemplo notável é o filme hollywoodiano *O Resgate do Soldado Ryan*, lançado em 11 de setembro de 1998 e dirigido por Steven Spielberg. Com uma duração de 2 horas e 43 minutos, esse drama de guerra retrata os esforços de soldados americanos para cumprir a missão de trazer para casa um companheiro que estava no campo de batalha. O filme apresenta diversas cenas marcantes que fortalecem o sentimento de identidade nacional, tendo alcançado grande visibilidade tanto nos cinemas americanos quanto nos brasileiros.

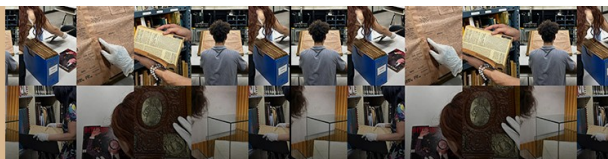
Em contraste, as produções cinematográficas nacionais que destacam a participação do Brasil em conflitos como a Batalha do Atlântico são relativamente restritas. Essa ausência pode ser atribuída a diversos fatores, como a falta de um mercado voltado para esse tipo de filme, a percepção do papel secundário do Brasil nos grandes conflitos, a falta de investimentos, e a ausência de um forte impulso nacionalista para a produção de tais histórias. Essa lacuna no cinema brasileiro contrasta com a rica tradição de filmes de guerra presentes nos países europeus e nos Estados Unidos, que frequentemente utilizam essas produções para preservar a memória de eventos históricos significativos e fortalecer a identidade nacional, como apresentado por Silva (2018).

Malick e Spielberg se preocuparam em recriar os conflitos psicológicos de soldados norte-americanos no estilo mais nacionalista e humanizador, além de buscar formas mais inovadoras de cinema, apresentando a humanidade daqueles que ficam no front, os próprios soldados. São duas posturas, uma nacionalista e outra humanista, a respeito da mesma guerra, produzidas pelos diferentes diretores no mesmo período histórico. O que mostra que o papel do cinema norte-americano pode ser de representação, como também de contestação de aspectos da “identidade nacional”.

### **ANÁLISE DO DOCUMENTÁRIO "O BRASIL NA BATALHA DO ATLÂNTICO"**

A análise do documentário *O Brasil na Batalha do Atlântico* (2012) permite uma compreensão mais profunda de como a linguagem audiovisual pode moldar a percepção histórica e

## 12º Encontro de Pesquisa em História

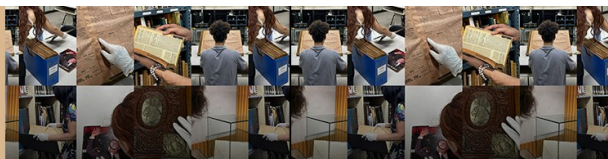


cultural. Através da combinação de imagens de arquivo anteriores, depoimentos de relatos e recriações visuais, o filme não apenas registra os eventos da Segunda Guerra Mundial, mas também propõe uma interpretação crítica e contextualizada da participação brasileira no conflito. Essa abordagem apresenta a memória de um episódio frequentemente marginalizado nas grandes narrativas históricas e, ao mesmo tempo, oferece uma nova perspectiva sobre o impacto dessa participação na construção da identidade nacional.

O gênero documentário vai além da documentação simples, conforme argumentado por Bill Nichols (2005), ao tratar os documentários como uma forma de "construção de realidades". Eles não apenas registram fatos, mas (re)contextualizam a história, oferecendo uma visão do mundo que reflete as preocupações e escolhas do cineasta. No caso de *O Brasil na Batalha do Atlântico*, a interpretação da participação brasileira é conduzida pela perspectiva dos realizadores, que optam por destacar tanto o heroísmo dos aviadores quanto os desafios enfrentados pela sociedade brasileira durante o período da guerra. O próprio documentário ilustra essa construção antiga ao incluir uma crítica de um logo nos primeiros minutos: "Às vezes nosso país brasileiro tem pouca memória. Esquecem. Tanto que eu acho que até o nome do filme deveria ser *Esqueceram de Nós*" (*O Brasil na Batalha do Atlântico*, 2012, 53 seg.). Esse trecho reflete o sentimento de desvalorização histórica que permeia o filme, algo que, sem dúvida, é uma escolha estratégica dos cineastas, destacando a marginalização da contribuição brasileira na guerra. Ao longo do documentário, imagens de arquivo, como fotografias históricas e vídeos de época, possibilitam a imersão do espectador no cenário de guerra, conferindo um realismo visual que complementa os depoimentos dos veteranos. Essas imagens e testemunhos revelam o heroísmo das tropas brasileiras, que, como afirmado no documentário, "enfrentaram o desconhecido com coragem, sabendo que cada missão poderia ser a última" (*O Brasil na Batalha do Atlântico*, 2012, 2 min.). Este relato não só ressalta a bravura dos soldados, mas também proporciona uma reflexão sobre os sacrifícios individuais e coletivos, colocando a experiência militar em um contexto emocional e psicológico profundo.

Outro ponto crucial abordado pelo documentário é a motivação política por trás da decisão do Brasil de entrar na guerra. A participação brasileira não foi uma escolha ideológica, mas uma

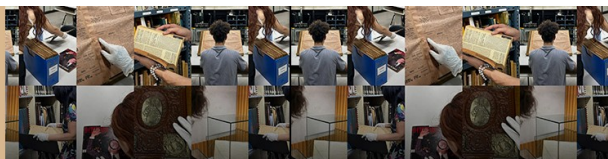
## 12º Encontro de Pesquisa em História



decisão estratégica, alinhando o país com os interesses dos Estados Unidos. Como é dito no filme: “A decisão do Brasil de entrar na guerra foi muito mais uma questão de alinhamento estratégico do que uma escolha por ideais” (*O Brasil na Batalha do Atlântico*, 2012, 5 min.). Esta análise crítica destaca como as pressões internacionais e externas influenciaram a decisão do governo brasileiro e como, embora o país tenha enviado tropas para o front, isso foi feito principalmente em busca de benefícios geopolíticos e econômicos, alinhando-se com os aliados no teatro de operações. Além disso, o impacto psicológico da guerra é tratado com grande sensibilidade no documentário, especialmente nas entrevistas com os veteranos. A citação de um aviador sobre o sofrimento emocional, "a batalha não foi apenas física, mas também uma luta interna constante contra o medo e a solidão" (*O Brasil na Batalha do Atlântico*, 2012, 31 min.), traz à tona a complexidade das experiências vividas pelos soldados. O documentário nos faz compreender que os efeitos da guerra não se limitam ao campo de batalha, mas reverberam profundamente na saúde mental dos combatentes, uma reflexão que, por vezes, é negligenciada em narrativas históricas tradicionais. A abordagem do filme também destaca a relação entre o regime militar brasileiro e a construção de uma narrativa nacionalista. “A guerra no Atlântico foi uma batalha invisível, que não afetou apenas os soldados, mas também as famílias e a economia brasileira, que sofreu com as repercussões do conflito” (*O Brasil na Batalha do Atlântico*, 2012, 40 min.). O filme explora como o governo usou a guerra como uma ferramenta de propaganda para consolidar sua legitimidade, moldando a imagem dos aviadores e marinheiros como heróis nacionais.

Essa construção de um discurso patriótico foi crucial para fortalecer a unidade nacional, especialmente em um período de repressão política e autoritarismo. O simbolismo apresentado no documentário também é forte e multifacetado. A participação brasileira na Batalha do Atlântico é apresentada como um marco na história militar do país, mas também como uma experiência transformadora para os envolvidos. Como afirmado no filme, "A luta pela liberdade no Atlântico foi mais do que uma simples missão militar, foi um ato de afirmação de um Brasil que se mostrava cada vez mais comprometido com a paz mundial" (*O Brasil na Batalha do Atlântico*, 2012, 1h 05 min.). Esta afirmação não só sublinha a importância militar da operação, mas também coloca o Brasil como um agente ativo na luta contra o Eixo, reforçando sua posição no cenário internacional.

## 12º Encontro de Pesquisa em História

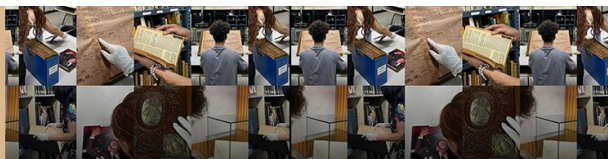


O documentário *O Brasil na Batalha do Atlântico* vai além da simples reconstituição dos acontecimentos da Segunda Guerra Mundial, pois destaca de maneira significativa a participação brasileira, muitas vezes marginalizada nas narrativas ocasionais sobre o conflito. Ao focar nesse recorte histórico específico, o filme divulgou figuras e acontecimentos que reposicionam o Brasil dentro do contexto internacional da época. Nesse sentido, a análise crítica se torna uma ferramenta fundamental para que o espectador reflita sobre as implicações sociais, políticas e culturais da representação apresentada.

Voltado a um público diversificado, o documentário busca alcançar estudantes, historiadores e o público em geral interessado tanto na história do Brasil quanto na Segunda Guerra Mundial. Com uma abordagem didática e acessível, a obra pretende não só educar, mas também sensibilizar sobre a relevância da participação brasileira na Batalha do Atlântico. A inclusão de depoimentos de veteranos, com suas histórias pessoais, torna o filme ainda mais relevante para as novas gerações, muitas das quais podem não ter uma conexão direta com esse período histórico. A utilização de uma trilha sonora estratégica é outro ponto central, pois a música reforça a atmosfera de tensão e heroísmo da narrativa. As composições remetem ao período da guerra, aprofundando a compreensão do público sobre o contexto histórico. As canções épicas e dramáticas amplificam os momentos de combate, enquanto as músicas populares brasileiras da época humanizam a experiência dos combatentes, evocando a memória afetiva de um período marcado tanto por dificuldades quanto por esperança e resiliência. Além disso, o filme faz uso habilitado de imagens de arquivo, entrevistas com veteranos e recriações visuais. As imagens de arquivo conferências são substituídas à narrativa, enquanto as entrevistas com veteranos adicionam uma camada emocional, permitindo ao público compreender melhor os desafios enfrentados e as emoções vividas durante o conflito.

A edição cuidadosa e a estrutura narrativa desempenham papel crucial na criação de uma experiência envolvente e educativa. A escolha de ângulos de câmera e o uso estratégico da iluminação ajuda a estabelecer o tom de cada cena e a transmitir desde a tensão das batalhas até a nostalgia nos momentos reflexivos, enquanto a fluidez e o ritmo da obra são garantidos.

## 12º Encontro de Pesquisa em História



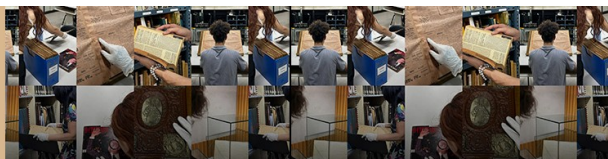
Dessa forma, *O Brasil na Batalha do Atlântico* não apenas registra eventos históricos, mas também valoriza e preserva uma memória que corre o risco de ser esquecida. Ao educar e sensibilizar o público sobre a participação brasileira, o documentário cumpre um papel crucial na formação da memória histórica, promovendo um senso de pertencimento e empatia pelas experiências dos soldados que lutaram durante um dos maiores conflitos do século XX.

Além disso, a edição cuidadosa e a construção da narrativa visual desempenham um papel essencial na criação de uma experiência envolvente e educativa. A escolha de ângulos de câmera, que variam entre planos fechados para capturar expressões e detalhes das entrevistas e planos abertos para destacar a grandiosidade das recriações, contribui para a fluidez e o ritmo do documentário. O uso estratégico de iluminação e variações de ritmo na edição, por sua vez, ajudam a estabelecer o tom de cada cena, ora transmitindo tensão e urgência nos momentos de combate, ora trazendo um sentimento de nostalgia e respeito nos trechos mais reflexivos.

Assim, a cinematografia se torna não apenas um suporte visual, mas um componente ativo na construção de uma narrativa que mantém o espectador engajado do início ao fim. Em contraste, na primeira fase do cinema, a abordagem era bem diferente. O foco não estava na narrativa definida; em vez disso, a atenção do espectador é redobrada porque a inexatidão na construção de alguns filmes despertava o interesse e a imaginação do público, um exercício por entender o que se passava na tela surgia devido à ausência de narrativa definida” (Mascarello, 2006).

Naquela época, os filmes eram criados com câmeras estáticas, onde “os atores agrupavam-se frente à câmera, que não se movia, que não criava ângulos distintos, e atuavam, por meio da expressividade corporal e facial” (Mascarello, 2006, p. 29). Em contraste com as práticas contemporâneas, a narrativa do documentário é cuidadosamente estruturada para conduzir o espectador através dos eventos da Batalha do Atlântico, começando com uma introdução ao contexto histórico que levou à participação do Brasil no conflito. A narrativa é ancorada nos depoimentos de veteranos, que compartilham suas experiências e reflexões de maneira íntima e impactante. Essa abordagem permite que a história ganhe um aspecto humano, oferecendo um olhar único e pessoal sobre a guerra. o uso dessa linguagem cinematográfica buscando a interpretação de significados de realidade, contestando assim um sentido representacional do real

## 12º Encontro de Pesquisa em História



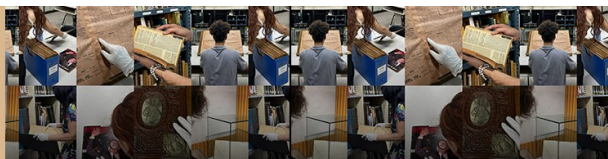
dentro do filme. Existindo também uma parcela de subjetividade na apreciação fílmica, a qual é submetida à interpretação de seus vários espectadores.

A realidade é apresentada sob a forma de uma representação, o plano real oferece os traços necessários a essa construção fantasiosa que é posta na tela e oferecida ao público tornando-se real. “A expressividade humana é capaz de objetivações, isto é, manifestam-se em produtos da atividade humana que estão ao dispor tanto dos produtores quanto dos outros homens, como elementos que são de um mundo comum” (Berger & Luckman, 2010, p. 52). Ao apresentar esses relatos dos acontecimentos buscando o olhar mais próximo em “primeira pessoa”, cria-se uma ponte emocional que faz com que o espectador não apenas compreenda, mas também sinta a gravidade e a importância dos acontecimentos retratados.

A estrutura narrativa é organizada de maneira clássica, dividida em três atos que ajudam a orientar o público através dos diferentes momentos da Batalha do Atlântico. O primeiro ato foca na contextualização da guerra e nos motivos que levaram o Brasil a se envolver no conflito, apresentando o cenário internacional e as pressões políticas da época. No segundo ato, o documentário se concentra no desenvolvimento das operações navais brasileiras, destacando as ações e dificuldades enfrentadas pelos marinheiros e pilotos durante as missões no Atlântico. Já no terceiro ato, a narrativa se volta para uma reflexão sobre o legado deixado pela batalha, abordando o impacto do conflito tanto na memória dos veteranos quanto na história nacional. Esta estrutura é muito bem desenvolvida, ajudando, assim, no desenvolvimento do documentário e que essa história se construa de maneira fluida, levando o espectador a uma jornada que é ao mesmo tempo informativa e profundamente tocante.

A representação dos soldados no documentário é feita de maneira respeitosa e digna. As entrevistas com veteranos oferecem uma visão íntima de suas experiências, permitindo que suas vozes sejam ouvidas e suas histórias contadas. Essa representação é crucial para a construção de uma memória coletiva que valoriza o papel do Brasil na guerra e reconhece o sacrifício de seus soldados. O documentário também aborda a diversidade entre os soldados, incluindo questões de classe e raça, que são frequentemente negligenciadas em narrativas históricas mais amplas. Um dos temas centrais explorados no documentário é o heroísmo e o sacrifício dos soldados brasileiros

## 12º Encontro de Pesquisa em História



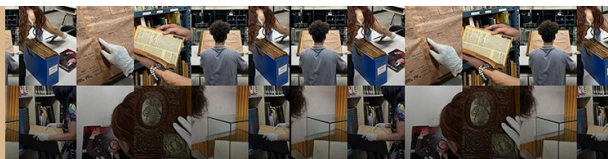
durante a Segunda Guerra Mundial. A narrativa enfatiza as dificuldades enfrentadas pelas forças da Marinha e da Força Aérea Brasileira, que, apesar de muitas vezes carentes de recursos e treinamento adequado, desempenharam um papel crucial na proteção das rotas marítimas dos Aliados no Atlântico Sul.

Ao abordar esses desafios, o filme ressalta a resiliência e a bravura dos combatentes, mostrando como suas ações ajudaram a garantir a segurança de rotas vitais para o esforço de guerra. No entanto, o documentário também aborda a falta de reconhecimento que esses soldados enfrentaram, tanto durante o conflito quanto após o seu término, representando assim deixar uma reflexão de uma história frequentemente esquecida. Ao resgatar essas trajetórias, a obra não só valoriza as contribuições, desses bravos soldados brasileiros, mas também reforça a importância de preservar essa memória para as futuras gerações. Outro tema de destaque é a interseccionalidade entre a guerra e a construção da identidade nacional brasileira.

A participação do Brasil na Segunda Guerra Mundial foi um marco para o país, não apenas por seu valor estratégico, mas também por ter contribuído para mudar a percepção do Brasil no cenário internacional. O documentário explora como a atuação dos soldados ajudou a projetar uma nova imagem do país, solidificando um senso de identidade e orgulho nacional. Ao longo da narrativa, a obra reflete sobre como esses eventos moldaram a visão do Brasil como um ator relevante no conflito e, conseqüentemente, como essa experiência influenciou o desenvolvimento de um sentimento de cidadania e pertencimento entre os brasileiros. O filme vai além da história de guerra e se torna um estudo sobre memória, identidade e o papel do Brasil no mundo.

Dessa forma, *O Brasil na Batalha do Atlântico* não apenas retrata uma visão detalhada das operações navais brasileiras durante a Segunda Guerra Mundial, mas também se destaca como uma poderosa ferramenta de resgate de memória e identidade nacional. Ao humanizar as experiências dos soldados através de depoimentos íntimos e respeitosos, a obra valoriza suas contribuições, garantindo que seus sacrifícios não sejam esquecidos. Além disso, ao abordar temas como heroísmo, diversidade e o impacto da guerra na construção da identidade nacional, o documentário convida o público a refletir sobre a complexidade da história brasileira e a importância de preservar esses relatos para as futuras gerações. o documentário aborda a diversidade entre os soldados,

## 12º Encontro de Pesquisa em História



explorando aspectos de classe e raça que frequentemente são negligenciados em narrativas tradicionais sobre a guerra. Ao destacar essa pluralidade, a obra contribui para uma visão mais completa e inclusiva da participação brasileira no conflito.

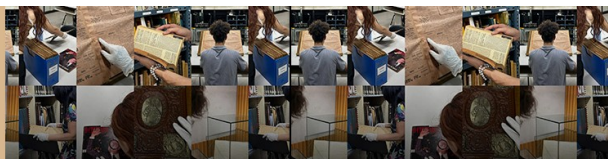
A inclusão de diferentes perspectivas permite que o filme desconstrua estereótipos e mostre como homens de várias origens sociais e étnicas se uniram em um esforço comum, enfrentando não apenas os perigos do combate, mas também as barreiras sociais que persistiam dentro e fora das forças armadas. Assim, o documentário não só valoriza o papel dos soldados, mas também se torna um importante veículo de reflexão sobre as questões de identidade e pertencimento no contexto da história militar brasileira. Esse documentário representa uma importante memória da história militar brasileira, sendo assim fica destacado que essa produção documenta e a única produção exclusiva que retratou o período histórico.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar os fatos da participação do Brasil na Batalha do Atlântico durante a Segunda Guerra Mundial, sob a perspectiva do cinema nacional brasileiro, observou-se uma significativa carência de produções que abordam esse importante acontecimento histórico de forma mais detalhada. Dentre as poucas produções disponíveis, o documentário *O Brasil na Batalha do Atlântico*, dirigido por Erik de Castro, é o único que trabalha o tema como seu foco principal. As outras produções apenas ressaltam a relevância dessa batalha dentro de contextos mais amplos. *O Brasil na Batalha do Atlântico* combina entrevistas com veteranos, imagens de arquivo e reconstituições planejadas para criar uma história envolvente e educativa.

Essa abordagem enfoca a relevância estratégica do Brasil, a bravura dos marinheiros e a complexidade das operações realizadas pela Marinha e Força Aérea Brasileiras. A cena dos ataques dos submarinos alemães, por exemplo, evidencia a fragilidade dos navios brasileiros e a gravidade da situação que levou o país a se envolver na guerra. Ao se dedicar a esse tópico, Erik de Castro e Vinicius Reis contribuem significativamente para a preservação e valorização da memória histórica

## 12º Encontro de Pesquisa em História



do Brasil. O documentário não apenas informa, mas também humaniza os acontecimentos históricos, fornece uma visão emocional dos sacrifícios dos combatentes brasileiros.

A análise mostra uma lacuna significativa na produção cinematográfica nacional em relação à quantidade de registros históricos relacionados à Batalha do Atlântico. Ao trazer à tona relatos de veteranos e imagens que capturaram a intensidade e os desafios enfrentados pelos brasileiros, a obra reforça a importância de considerar o legado daqueles que trabalharam para a segurança e soberania do Brasil durante a Segunda Guerra Mundial. Ao preservar esses relatos e ampliar a discussão sobre a participação brasileira na guerra, *O Brasil na Batalha do Atlântico* procura sensibilizar o público, convidando-o à valorização da pluralidade de experiências e da diversidade dos que, de diferentes maneiras, foram envolvidas nesse capítulo da história mundial, dentre eles soldados brasileiros.

### FONTE

**O Brasil na Batalha do Atlântico.** Direção: Erik de Castro. Produção: Keilla Pinheiro e Erik de Castro. Roteiro: Erik de Castro, Marcio Bokel. Fotografia de Cezar Moraes. [S. l.]: BSB Cinema, 2012. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fISivkkt5fE&t=2505s>. Acesso em: 21 jun. 2024.

### REFERÊNCIAS

ALVES, Vágner Camilo. **O Brasil e a Segunda Guerra Mundial: história de um envolvimento forçado.** Rio de Janeiro: Loyola, 2002.

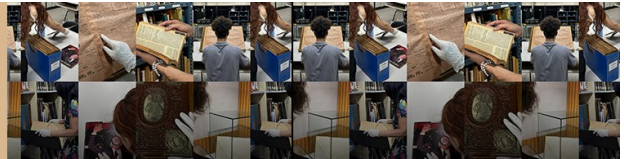
BARROS, José D'Assunção B. **Cinema e história – considerações sobre os usos historiográficos das fontes filmicas.** *Revista Comunicação e Sociedade*, n. 55, p. 175-202, jan-jun, 2011, p. 180.

BERGER, Peter; LUCKMANN, Thomas. **A Construção Social da Realidade: tratado de sociologia do conhecimento.** 32. ed. trad. Floriano de Souza Fernandes, Petrópolis, Vozes, 2010.

BRASIL. Poder Executivo. Presidência da República. 1942. **“Decreto nº 10.358, de 31 de agosto de 1942. Declara o estado de guerra em todo o território nacional.”** Imprensa Nacional, Coleção de Leis do Brasil de 31/12/1942, vol. 006. Disponível em: [https://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/decreto/1930-1949/d10358.htm](https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1930-1949/d10358.htm). Acesso em: jun. 2024.



## 12º Encontro de Pesquisa em História



RICUPERO, Rubens. **A Diplomacia na Construção do Brasil 1750-2016**. Rio de Janeiro, RJ: Versal, 2017.

ROBERTS, Andrew. **A Tempestade da Guerra. Uma nova história da Segunda Guerra Mundial**. Rio de Janeiro: Record, 2012.

SANDER, Roberto. **O Brasil na mira de Hitler: a história do afundamento de navios brasileiros pelos nazistas**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

SILVA, Maurineide Alves. **glória coberta de sangue: o cinema do gênero guerra e a ressignificação do papel dos estados unidos em conflitos**, *Anais do Seminário Internacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual: Fabricações e Acidentes Visuais*. Goiânia, p. 1-10, 1. 2018. Disponível em:

[https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/778/o/LC\\_Maurineide\\_Silva\\_IISIPACV2018.pdf](https://files.cercomp.ufg.br/weby/up/778/o/LC_Maurineide_Silva_IISIPACV2018.pdf).

Acesso em: 14 nov. 2024.